



IdIHCS | Instituto de Investigaciones en
Humanidades y Ciencias Sociales
Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género

Eje 11

Cuerpos, disciplinamiento y normatividad

Coordinadoras: Pilar Cobeñas y Lorena Berdula

O corpo das mulheres tem história

A na Maria Colling

UNILASALLE/Canoas-BR
acolling21@yahoo.com.br

Os corpos são pura linguagem e poder. Muito pouco de natureza existe neles. Práticas discursivas e práticas não discursivas construíram nossos corpos; discursos históricos carregados de poder, ditaram como deveria ser um homem e consequentemente, como deveria ser uma mulher. Este texto tenta demonstrar que cultura ou que discurso atemporal construiu a mulher. Como o corpo da mulher, foi pensado e como foi inventada a “natureza feminina”.

Platão nomeia a “natureza feminina”, responsabilizando a matriz (útero) pelas doenças femininas. Hipócrates, seguindo Platão, teoriza a “sufocação uterina” relacionando o fraco com o feminino e o forte com o masculino, hierarquizando os sexos desde a geração. Platão e Hipócrates unem-se na concepção da mulher encarada como matriz; a semente, a produção, é exclusiva do masculino.

Aristóteles, talvez o mais influente filósofo grego, elabora um modelo explicativo sobre a geração, a determinação do sexo e a existência das monstruosidades em duas obras: *A Geração dos Animais* e *As partes dos animais*, designando ao feminino, inferioridade em todos os planos.

O tamanho do cérebro, conceito utilizado durante muito tempo para caracterizar a mulher como um ser inferior, aparece pela primeira vez em Aristóteles. Segundo o filósofo, a mulher é um defeito, doente por natureza. Aristóteles é o primeiro pensador a transformar a diferença sexual em desigualdade, demonstrando que corpo é produto de momentos específicos, históricos e culturais, enfim, um trabalho de arte. A aliança do pensamento filosófico grego com outros discursos, especialmente o religioso, foi fundamental para definir a moral sexual ocidental.

A final, o que tem de natureza em nosso corpo? A natureza que sempre nos mearam em nosso corpo e em nossa subjetividade é natural ou uma construção social, política e cultural? Quando se designa uma “natureza feminina”, retira-se o caráter de construção do discurso que imputa à mulher, funções, papéis e comportamentos e, ao mesmo tempo, a transforma em mera espectadora de uma situação que parece imutável. A filosofia em sua perene preocupação com o sentido da vida, das relações entre os seres, foi também o discurso que se preocupou com o sexo. Esta preocupação em classificar a diferença sexual em relação a outros tipos de diferenças acabou por transformar em certeza científica a inferioridade feminina. Filosofia e Medicina estavam ligadas a uma arte de viver, que era simultaneamente médica e ética.

Platão: “O útero é um animal que vive nelas...”

Se recuarmos no tempo à procura da construção inicial dos discursos que estabelecem uma “natureza feminina”, constataremos que sua definição foi iniciada pelos gregos no início da cultura ocidental, pensamento que condicionou nossa cultura, sofrendo várias inflexões até o século XVIII, quando o corpo feminino é destinado unicamente como “apto para a maternidade”, para a reprodução.

Para Platão as mulheres são a reencarnação dos homens que na sua primeira existência foram covardes e conduziram mal as suas vidas; não foram capazes de estabelecer uma ética de vida e, portanto, não tiveram força suficiente para ter acesso ao conhecimento. Em *Timeu*, um de seus últimos livros, nos fornece a argumentação que vai ser utilizada durante muito tempo sobre a “natureza feminina”:

E agora a tarefa que nos foi imposta ao começar, de fazer a história do universo até à geração do homem, parece quase realizada. (...) Entre os homens que receberam a existência, todos os que se mostraram covardes e passaram a sua vida a praticar o mal foram, conforme toda a verosimilhança, transformados em mulheres na segunda encarnação. Foi nesta época e por esta razão que os deuses construíram o desejo da conjunção carnal, modelando um ser animado em nós e um outro nas mulheres, e eis como fizeram um e outro. (...) Eis porque nos machos os órgãos genitais são naturalmente insubmissos e autoritários, como animais surdos à voz da razão e, dominados por apetites furiosos, querem comandar tudo. Nas mulheres também e pelas mesmas razões, o que se chama a matriz ou útero é um animal que vive nelas com o desejo de procriar. Quando ele fica muito tempo estéril depois do período da puberdade, ele tem dificuldade em suportar isso, indigna-se, erra por todo o corpo, bloqueia os canais do sopro, impede a respiração, causa um grande incômodo e origina doenças de toda a espécie, até que, o desejo e o amor unindo os dois sexos, eles possam colher um fruto, como numa árvore, e semear na matriz, como num sulco (...) Tal é a origem das mulheres e de todo o sexo feminino”. (Platão, 1986, p. 154)

Inicia-se aí o culto à reprodução e a crítica ao celibato feminino. Esta proposta irá desembocar mais tarde na histeria, caracterizada como uma doença feminina por excelência, e entre as causas de sua origem a “falta de homem”. É a incompletude da mulher sendo teorizada.

A filosofia e a medicina estavam intimamente ligadas, já que os médicos eram também filósofos, no sentido em que a arte de curar os corpos estava ligada a uma reflexão sobre a vida e o seu sentido. O pensamento de Hipócrates e o de Platão fundem-se numa concepção da mulher vista como matriz, como um campo semeado por outro. O homem é a semente, o produtor, a mulher é a reprodutora.

Hipócrates incorporou os saberes médicos e de cura do corpo condensados por Platão e Aristóteles, que provinham das parteiras sobre as doenças das mulheres, ligados à menstruação, parto, menopausa, etc. Filiava-se à concepção platônica da circulação do útero no interior do corpo da mulher. Segundo Trillat,

“Hipócrates e Platão não fizeram mais do que retomar à sua conta crenças milenares. A idéia segundo a qual o útero é um organismo vivo, análogo a um animal dotado de uma certa autonomia e duma possibilidade de deslocação, remonta, com efeito, à mais alta Antiguidade, perto de 2000 antes de Cristo”. (Trillat, 1991, p. 13).

Platão dizia que o útero é um animal que vive nas mulheres e que elas são a reencarnação dos homens que na sua primeira existência foram covardes e conduziram mal as suas vidas; não foram capazes de estabelecer uma ética de vida e, portanto, não tiveram força suficiente para ter acesso ao conhecimento.

A desvalorização da mulher faz parte do sistema platônico, sua inferioridade natural provém de seu “útero errante” e sua capacidade de procriação. É porque ela produz seres humanos que ela tem dificuldade em produzir conceitos, em pensar. Na obra *A República*, Platão questiona se se deve dar à mulher o mesmo lugar do que o do homem na ordem social. Invocando a “inferioridade da sua natureza”, hierarquizou o papel dos dois gêneros. Seu pensamento teve conseqüências históricas em relação ao estatuto da mulher na sociedade ocidental.

Aristóteles: “o primeiro desvio é o nascimento de uma fêmea”

Sobre o tema da geração e da determinação do sexo, Aristóteles elaborou um modelo explicativo, filosófico escrito ao final de sua carreira intitulado *Da geração dos Animais*, onde apresenta o papel de cada sexo na procriação, na determinação do sexo e da existência das monstruosidades. Nesta obra Aristóteles entrega-se a um longo exame dos corpos femininos. Conhecendo mais de quatrocentas espécies zoológicas, tenta descrevê-las e compará-las servindo-se de duas categorias, a do gênero e a da espécie, *genos* e *eidós*. Para

todos os seres que não nascem por geração espontânea, quer dizer, da terra úmida ou de substâncias em decomposição, existem fêmeas.

Aristóteles construiu o gênero, designando ao feminino, inferioridade em todos os planos. Segundo ele, há duas maneiras de definir as características dos corpos femininos: a analogia e a inferioridade relativamente aos corpos masculinos. Por um lado, a diferença entre machos e fêmeas é uma relação de correspondência: onde os machos possuem um pênis, as fêmeas apresentam um útero, "que é sempre duplo, do mesmo modo que, nos machos, os testículos são sempre em número de dois". (Aristóteles, 1961, p. 5). Na *História dos Animais*, a comparação entre masculino e feminino é realizada salientando-se as suas diferenças e a mulher aparece com o corpo mais débil, mais fraco:

"A fêmea é menos musculada, tem as articulações menos pronunciadas; tem também o pêlo mais fino nas espécies que possuem pêlo, e, nas que os não possuem, o que faz as suas vezes. As fêmeas têm igualmente a carne mais mole que os machos, os joelhos mais juntos e as pernas mais finas. Os seus pés são mais pequenos, nos animais que têm pés. Quanto à voz, as fêmeas têm-na sempre mais fraca e mais aguda, em todos os animais dotados de voz, com exceção dos bovinos: nestes, as fêmeas têm a voz mais grave que os machos. As partes que existem naturalmente para a defesa, os cornos, os esporões e todas as outras partes deste tipo pertencem em certos géneros aos machos, mas não às fêmeas. Em alguns géneros, estas partes existem em ambos, mas são mais fortes e desenvolvidas nos machos". (Aristóteles, 1961, p. 37)

Naturalmente desarmado e incapaz de assegurar a sua própria defesa, o corpo feminino está, além disso, dotado de um cérebro menor. O tamanho do cérebro, conceito utilizado durante muito tempo para caracterizar a mulher como um ser inferior intelectualmente, e demonstrar a maior inteligência dos homens, aparece em *As Partes dos Animais* de Aristóteles:

"Entre os animais, é o homem que tem o cérebro maior, proporcionalmente ao seu tamanho, e, nos homens, os machos têm o cérebro mais volumoso que as fêmeas. (...) São os machos que têm o maior número de suturas na cabeça, e o homem tem mais do que a mulher, sempre pela mesma razão, para que esta zona respire facilmente, sobretudo o cérebro, que é maior". (Aristóteles, 1957, p. 41).

O corpo da mulher, para Aristóteles, é inacabado como o de uma criança, doente por natureza, envelhecendo mais rapidamente porque "tudo o que é pequeno chega mais rapidamente ao seu fim, tanto nas obras de arte como nos organismos naturais"; (Aristóteles, 1961, p.167) ele não cansa de repetir que as fêmeas são mais fracas e mais frias e, por natureza, apresentam uma deformidade natural.

A natureza feminina é uma deformidade natural pois tantos são os defeitos no corpo das mulheres. A mulher é ela própria um defeito. Os seios, que são maiores nas mulheres que nos homens não escapam ao olhar observador do filósofo, que, comparando-os com os músculos peitorais do tórax masculino, "carne compacta", considera-os como intumescências esponjosas, capazes de se encherem de leite, mas moles e rapidamente flácidos. Também os seios femininos transformam-se em signo de insuficiência.

Assim como Hipócrates, Aristóteles também se preocupa com o sangue menstrual. Explica a debilidade inerente à constituição feminina por sua umidade e frieza, devido às perdas sangüíneas que as mulheres experimentam regularmente sem poder opor-se ou frear. Os homens somente perdem sangue voluntariamente, quando buscam, como guerra ou competição. A perda de sangue não afeta machos e fêmeas da mesma maneira, é o controlável frente ao incontável, o desejado frente ao sofrido.

É porque a mulher é um ser impuro que ela sofre esta catarse através da menstruação: "Num ser mais fraco deve necessariamente produzir-se um resíduo mais abundante e cuja cocção é menos elaborada". Este sangue produzido por uma falta de calor, sinal da frieza feminina, constitui a contribuição do animal fêmea para a concepção de uma criança, defende o filósofo no *Tratado da Geração dos Animais*. No sistema aristotélico, a metamorfose do sangue em esperma é uma transformação metafísica. A mãe fornece o material inanimado e passivo que é o sangue menstrual:

"Quando o resíduo seminal da menstruação sofreu uma cocção conveniente, o movimento que provém do macho far-lhe-á tomar a forma que lhe corresponde. (...) De maneira que, se o movimento dominar, fará um macho e não uma fêmea, e o produto assemelhar-se-á ao gerador mas não à mãe; se não dominar, toda a potência que lhe falta faltará igualmente no produto" (Aristóteles, 1961, p. 147).

É na questão da geração que Aristóteles anula o papel da mulher, retira-lhe o trabalho de criadora (é o sêmen que desempenha a função do artista, porque constitui em si, potencialmente, a forma), estabelecendo a menoridade e a inferioridade feminina, assim como uma perversidade que advém de seu sexo. A própria forma côncava da madre criaria um desejo mais violento, explicável pelo princípio natural do horror ao vácuo. Mas, entre todas as fêmeas, a mulher e a jumenta atingem, com este filósofo, o extremo da lubricidade, pois tinham a particularidade de serem as únicas que se entregavam ao coito durante a gravidez (Cf. Aristóteles, 1961, p. 163).

Enquanto Hipócrates atribui semente quer ao macho quer à fêmea, contribuindo ambos para a formação de um novo ser, em Platão e Aristóteles a mulher é vista como inferior, não tendo um papel relevante na geração. Para Aristóteles é o pai que transmite a alma e a forma, graças ao movimento inscrito no esperma; o macho e só ele, é o princípio da geração. Já que a mãe não é um genitor, mas fornece unicamente o material inanimado, passivo e espesso, que é o sangue menstrual, ela não deveria poder transmitir uma forma própria. Mas como explicar o nascimento das fêmeas?

“Em consequência da sua juventude, da sua velhice ou de qualquer outra causa(...) dá forma a um produto imperfeito, defeituoso, de segunda escolha.(...)Aquele que não se assemelha aos pais é já, em certos aspectos, um monstro (teras): porque, neste caso, a natureza afastou-se, em certa medida, do tipo genérico (genos). O primeiro desvio é exactamente o nascimento de uma fêmea em vez de um macho” (Aristóteles, 1957, p. 157).

Platão e Aristóteles recolheram e transformaram a tradição literária, médica e científica em relação à mulher e a sistematizaram em seus sistemas explicativos, caracterizando o homem como o criador da ordem social e a mulher excluída desta ordem. Um é criador da ordem, da lei; a outra está do lado do desejo, da desordem: É sobre estas divisões simbólicas que será fundada a sociedade.

Tempos diferentes, discursos iguais

Na Idade Média, o sistema aristotélico será a base do modo de compreender o mundo, os seres e a relação entre eles. Esse encontro entre o pensamento filosófico grego e a religião cristã - através da Igreja, da sua instituição e seu próprio trabalho de consolidação - difundiu uma outra visão de mundo. Os discursos sobre a imagem da mulher, sua representação, definiam não somente normas de comportamento, mas normas jurídicas e preceitos morais, referendados por construções textuais como o relato bíblico da criação e a queda do paraíso ou o *Tratado da geração dos animais* de Aristóteles. Não foi a filosofia que se espalhou, foi um discurso em aliança com outro discurso que teve enorme influência porque incrustado nas instituições.

É incontestável que homens e mulheres diferem fisicamente. Mas Aristóteles opta por reduzir a diferença sexual através de vários meios e limitá-la a uma desigualdade quantitativa. Enfim, transforma a diferença em desigualdade. O sexo único, com suas analogias e relações - pênis e clitóris, lábios e escroto, ovários e testículos tinham origens comuns. Somente em 1759 é que alguém se importou em reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia para ilustrar suas diferenças do esqueleto feminino. Como até aí a mulher era um homem imperfeito, quando as diferenças foram descobertas elas já eram, na própria forma de sua representação, profundamente marcadas pelas relações de poder entre os sexos.

Os vários discursos elaborados historicamente e que definiram o que é ser mulher, a sua “natureza”, definindo um lugar e um papel social, são reelaborados acompanhando o desenvolvimento da sociedade, são transculturais. O corpo é produto de momentos específicos, históricos e culturais, enfim, um trabalho de arte.

Bibliografia

AGA CINSKI, Sylviane. *Política dos sexos*. Tradução de Márcia Neves Teixeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ARISTÓTELES. *De la génération des animaux*. Texte établi et traduit par Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

_____. *Les parties des animaux*. Texte établi et traduit par Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1957.

_____. *Política*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1966.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRAISSE, Geneviève. La différence des sexes, une différence historique. In: *L'exercice du savoir et la différence des sexes*. Paris: Editions L'Harmattan, 1991.

_____. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: *História das Mulheres no Ocidente*. V. 4. Porto: A frontamento, 1994.

- HÉRITIER, Françoise. *Masculino/Femenino*. El pensamiento de la diferencia. Traducción de Vicente Villacampa. Barcelona: Ariel, 1996.
- JOAQUIM, Teresa. *Menina e Moça*. A construção social da feminilidade. Lisboa: Fim de Século, 1997.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- PLATÃO. *Diálogos: Timeu, Critias, o Segundo Alcibíades, Hípias Menor*. Belém: UFPA .GEU, 1986.
- _____. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- _____. *Diálogos: Teeteto e Cratilo*. Belém: UFPA, 1998.
- SISSA, Giulia. Filosofias do Gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In: *História das Mulheres no Ocidente*. V. 1. Porto: A frontamento, 1993.
- TRILLAT, Etienne. *História da Histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.